

### 3

## **O Colégio Nova Friburgo e sua memória institucional: como o CNF é apresentado pela FGV através de livros sobre o colégio**

O Ginásio Nova Friburgo não é apenas mais um Ginásio que se inaugura em nosso País (...) o GNF se destina a ser o que a escola de Abbotsholme o foi para a Inglaterra (Luiz Alves de Mattos, citado por CARVALHO, 1998; p. 26)

Com vistas a orientar o leitor no “mergulho na memória institucional do CNF” que será realizado ao longo deste estudo, torna-se necessário compor uma apresentação do CNF, com vistas a tornar visível a experiência educacional desta instituição educacional a que me proponho a analisar no âmbito do presente trabalho.

Como bases primordiais deste empreendimento, elejo duas fontes impressas que considero de grande importância no sentido de tornar possível no momento presente, ter acesso à memória institucional do CNF. Trata-se de dois livros, editados pela FGV<sup>1</sup>, cuja autoria é de Irene Mello Carvalho e que (segundo a autora) tiveram como objetivo principal tornar registrada a experiência educacional do Colégio Nova Friburgo. Torna-se claro, no entanto, que estes livros não serão aceitos de modo acrítico, ou seja, entendo que na mesma medida em que estas obras oferecem um manancial de informações a respeito do CNF que não poderia ser desprezado num estudo tal como o que desenvolvo, ainda assim, há que se ter em conta o fato de que estes livros representam (dentre outras coisas) a posição estratégica (CERTEAU, 1994) de atores que a partir destes impressos buscavam apresentar uma versão “oficial” a respeito da história do CNF e da memória contida nos registros apresentados nos referidos livros. Desta maneira, é necessário explicitar que, apesar de serem largamente utilizados para compor esta “apresentação do CNF”, em alguns momentos deste capítulo, tais livros são comentados de maneira crítica, especialmente tendo em vista o confronto com as demais fontes documentais selecionadas para o estudo. Assim, (e isto será realizado de maneira mais enfática em outras seções deste trabalho)

---

<sup>1</sup> Os livros em questão são os já aludidos: Método de Unidades Didáticas, e, Colégio Nova Friburgo: histórico de suas realizações.

cabe esclarecer que procuro empregar procedimentos de análise que tem por objetivo minimizar as influências da intencionalidade destes atores institucionais e, desta maneira, apreender de uma forma menos “ideológica” o significado da experiência educacional desenvolvida no Colégio Nova Friburgo.

Neste capítulo procuro destacar os elementos que julgo mais importantes na caracterização do Colégio, e que são apresentados nas referidas obras. Tais elementos estão organizados nos seguintes subitens: a) O processo de construção, consolidação e extinção do CNF a partir do ponto de vista dos objetivos institucionais da FGV e de sua organização administrativa interna; b) Aspectos pedagógicos: a preparação dos docentes, as questões disciplinares e a proposta de ensino do CNF.

### 3.1

#### **O processo de construção, consolidação e extinção do CNF**

A partir do ponto de vista dos objetivos institucionais e de sua organização administrativa, cabe mencionar que a proposta de criação do Ginásio Nova Friburgo (GNF) surge oficialmente em 1948, no âmbito da Divisão de Ensino da FGV<sup>2</sup>. Esta proposta de criação refere-se à aprovação de um convênio encaminhado pelo então prefeito da cidade de Nova Friburgo (César Guinle). Reza este convênio que a FGV deveria adquirir o terreno no qual situava-se o imóvel que havia sediado o Hotel Cascata e a Empresa Educacional Fluminense<sup>3</sup>. Este passou a abrigar as instalações do GNF. Igualmente consta dos registros documentais acerca de tal convênio a informação de que a FGV receberia por parte da prefeitura da cidade de Nova Friburgo isenção de impostos e a concessão do terreno em que o referido prédio se situava (o qual possuía uma área construída de 12.000 metros quadrados), situado no bairro Cascata. A Fundação teria ainda se comprometido a oferecer bolsas de estudo para alunos residentes

---

<sup>2</sup> Esta divisão é criada em 1947, sendo dirigida a esta época pelo Prof. Luiz Alves de Mattos, que contava com o auxílio de Irene Mello Carvalho, que a esta época atuava como Técnica de Ensino, prestando serviços de assessoria à FGV na área educacional.

<sup>3</sup> No terreno em que foi construído o CNF, funcionava a Empresa Educacional Fluminense, a qual passou a ser sediada neste prédio, em lugar de abrigar um sanatório para tuberculosos que viria a funcionar no local, mas que não pode ser instalado devido à resistência da população de Nova Friburgo no sentido de permitir o funcionamento deste sanatório (CARVALHO, 1988).

em Nova Friburgo, na condição de bolsistas da prefeitura desta cidade, alunos estes selecionados dentre aqueles de melhor desempenho escolar. Assim, a partir da aquisição do terreno em que se situava a antiga Empresa Educacional Fluminense e do terreno que abrigava tal prédio, foi construído um colégio interno voltado para o então denominado nível ginásial que seria então administrado pela FGV. A Fundação Getúlio Vargas, representada pela figura de seu presidente, Luiz Simões Lopes (e mais alguns membros do Conselho Diretor da FGV, como Oscar Jorge de Mello Flores) possuía antes mesmo desta época, interesse na construção de uma colégio interno-modelo para adolescentes, tendo sido este, de acordo com a autora, elemento decisivo para o parecer favorável em relação à celebração do já mencionado convênio entre a FGV e a Prefeitura de Nova Friburgo. No que se refere à construção deste Colégio, cabe destacar que, tal tema fora objeto de estudo e discussão em várias reuniões do Conselho Diretor da FGV, sendo que em 06 de maio de 1948, o Conselho Diretor da FGV decide:

- 1) Autorizar o senhor presidente a ultimar os estudos relativamente à aquisição do Hotel Cascata;
- 2) Autorizar a inversão de até seis milhões de cruzeiros na aquisição de tal propriedade e respectivo aparelhamento (CARVALHO, 1988, p. 2).

Igualmente pode-se dizer que o ano de 1949 teria sido vital para a origem do referido ginásio, pois durante este ano foi investido o montante de nove milhões, quinhentos e oitenta e sete mil, quinhentos e vinte e quatro cruzeiros na construção de novos prédios e na reforma e adaptação das instalações outrora pertencentes ao Hotel Cascata e que agora fariam parte do Ginásio da FGV. As obras foram realizadas de 1949 a 1950, sendo concluídas no início deste ano. Como veremos na fotografia que é apresentada abaixo<sup>4</sup>, várias autoridades acompanhavam as obras de construção do GNF, incluindo o então Presidente da República, Sr. Eurico Gaspar Dutra.

---

<sup>4</sup> Todas as fotografias foram retiradas do acervo eletrônico presente no endereço eletrônico da AEX/CNF.



**Figura 1: Autoridades visitam obras do Ginásio Nova Friburgo em 1949**

Nesta fotografia, são identificados (da esquerda para a direita): Prof. Amaury Pereira Muniz (Diretor do CNF por quinze anos), Rubem Porto (do Conselho Diretor da FGV), o Sr. Presidente Eurico Gaspar Dutra e César Guinle (Prefeito de Nova Friburgo a esta época). Esta foto foi incluída com vistas a tornar possível apreender a importância que o projeto de construção do Ginásio da FGV possuía à época de sua construção/implantação, importância esta que chegou ao ponto de atrair a atenção do então Presidente da República para as obras realizadas em Nova Friburgo sob a égide da Fundação e da prefeitura local. Esse dado é utilizado no livro de Irene Mello Carvalho (1988) sobre o CNF como “prova” de que esta teria sido a melhor escola de ensino médio do País. Esse discurso encontra outros suportes para a afirmação de uma suposta excelência desse Colégio (tal como veremos na análise dos depoimentos e de matérias da Revista Curriculum), mas antes de prosseguir, cabe aqui apresentar duas questões que tento responder no decorrer deste trabalho: a) o que caracterizava a “excelência desta instituição”? b) não obstante esta suposta excelência, o discurso dos atores institucionais teria dado uma ênfase amplificada à apresentação dos elementos que compunham esta idéia de excelência, criando assim uma “ideologia da excelência do CNF?”. Antes de responder a estas indagações cumpre continuar o “mergulho na história” do CNF, com vistas até mesmo a buscar subsídios para a resposta a estas e às demais questões a que me proponho responder no âmbito deste trabalho.

Após essa breve reflexão, e dando seqüência a este capítulo no qual procuro a partir dos livros sobre o CNF caracterizar o Colégio, passo a tratar da inauguração do GNF, a qual ocorreu no dia 11 de março de 1950, às 12:00. Diversas autoridades teriam comparecido a esta solenidade, dentre elas, destacam-se as presenças de: “Dr. Marechal Machado Coelho – Oficial de Gabinete da Presidência da República, o Sr. Presidente – Marechal Eurico Gaspar Dutra, Prof. Lourenço Filho e César Guinle – Prefeito da Cidade de Nova Friburgo (CARVALHO, 1988; p. 250)”.

O ponto alto da solenidade foi o momento em que os “três discursos fundantes” do GNF foram proferidos<sup>5</sup>. Neste sentido seria interessante ressaltar que, no que se refere a estes três discursos, parte deles será apresentada a seguir, com vistas a tornar possível captar os objetivos a que se propunham os atores institucionais envolvidos com a implantação desta iniciativa de grande porte da FGV na área educacional. Assim, vamos ao primeiro destes discursos, de autoria do Professor Lourenço Filho, no qual ele assinala que: “É uma vocação da cidade de Nova Friburgo, a capacidade de desenvolver empreendimentos educacionais de alta significação e grande qualidade (...) a forma de escolha dos membros do seu corpo docente pode trazer a este estabelecimento desde o seu início, elementos de grande mérito (CARVALHO, 1988, p. 26)”.

Nesta passagem do seu discurso o Professor Lourenço Filho sinaliza de maneira premonitória para a importância da seleção de professores como forma de garantir o sucesso da empreitada desenvolvida pela FGV na criação do GNF. Mostra-se claro que esta preocupação com a seleção do corpo docente aponta para uma idéia de que o GNF poderia vir a se constituir em um núcleo de aplicação das metodologias didáticas<sup>6</sup> desenvolvidas em cursos normais e nas universidades, atuando nesse sentido, de maneira decisiva na formação de professores em nível de excelência conforme propõe o Professor Lourenço Filho, com vistas a tornar dessa maneira, concretos (pelo menos em parte) os objetivos propostos na implantação do GNF. A esse respeito, ao seguir com a apresentação dos “discursos fundantes” do GNF, será possível perceber que os

---

<sup>5</sup> Nesta ocasião, discursaram: Professor Lourenço Filho – Diretor do Departamento Nacional de Educação (representando do Ministro da Educação e Saúde), Dr. Luiz Alves de Mattos – Diretor de Ensino da FGV, e Dr. Luiz Simões Lopes – Presidente da FGV.

<sup>6</sup> Mais adiante esta questão é tratada de maneira mais detalhada, quando me detenho na análise da experiência do Centro de Estudos Pedagógicos (CEP) do CNF.

atores institucionais da FGV, que se postaram à frente do empreendimento de construção e implementação do GNF, possuíam objetivos que poderiam ser qualificados (pelo menos) como ousados. Assim, adiante, seguem alguns trechos do discurso de Luiz Alves de Mattos que sinalizam para objetivos ambiciosos no que se refere à posição que se esperava que o GNF ocupasse no cenário educacional brasileiro. Vamos a estes trechos:

O GNF não é apenas mais um ginásio que se inaugura em nosso País (...) o GNF se destina a ser o que Abbotsholme o foi para a Inglaterra, o que a Experimental High School de Chicago o foi para os EUA (...) e o que a École des Roches e a École des Sèvres estão sendo para a França (...) que o GNF venha a desempenhar papel idêntico para o Brasil é a nossa inspiração (...) considerando essa filosofia no lema: saúde, saber e virtude (CARVALHO, 1988, pp. 26-27).

Nesse discurso é possível captar uma idéia de grandiosidade do Ginásio que estava sendo inaugurado, percebida pela comparação entre o GNF e outras escolas consagradas em nível internacional, efetuada pelo Prof. Luiz Alves de Mattos, como forma de indicar quais seriam os objetivos da FGV ao criar o educandário sediado em Nova Friburgo. No discurso que se segue, proferido pelo Presidente da FGV, Professor Luiz Simões Lopes, o tom de grandiosidade em relação ao GNF é mantido, sendo destacados, porém alguns outros objetivos relativos ao papel que o GNF deveria desempenhar em relação não só ao cenário educacional brasileiro, mas também em relação à condução da política nacional por parte dos alunos formados no GNF. Isto se mostra particularmente explícito ao serem lidos os seguintes trechos de tal discurso:

[Sobre os colégios ingleses] Esses colégios vem a séculos não apenas ensinando, mas educando, visando fazer de cada aluno um bom cidadão, com todos os encargos e responsabilidades decorrentes (...) se o ensino de alta qualidade é além de dispendioso, extremamente raro entre nós, a educação integral de nossos jovens é mais rara ainda (...) a finalidade é concorrer para a formação de uma elite brasileira (...) O Sr. Presidente da República, de quem esta Fundação tem recebido as mais expressivas provas de apreço, demonstrando seu interesse particular pelo GNF, honrou-nos com recente visita (...) o Ministro Clemente Mariani é um grande amigo da Fundação (CARVALHO, 1988; pp. 27-29).

Encerrando os discursos de inauguração do GNF, o Presidente da FGV, Luiz Simões Lopes alude, não somente ao destaque dado à “grandiosidade” da iniciativa de criação do GNF, mas também coloca de forma explícita um objetivo cuja significação se mostra bastante elevada, qual seja o de: “formar uma elite brasileira”, destacando mais adiante que tal iniciativa encontrava eco nos escalões superiores da política governamental do ano de 1950. Isto se torna claro ao ser analisada a referência ao interesse do Sr. Presidente da República na criação do GNF, e ao destaque do fato do Ministro Clemente Mariani ser um “grande amigo da Fundação”.

Após a inauguração, o GNF inicia suas atividades no mês de abril de 1950, sendo dirigido neste período interinamente por Irene Mello Carvalho, que substituiu o Padre Antônio Lara Resende, que teria se afastado do cargo por motivos pessoais e nem teria chegado a compor o quadro administrativo do CNF.

Dando seqüência a esta etapa do estudo, trato agora da questão da seleção dos primeiros docentes do GNF. Assim, cabe indicar que o primeiro concurso para professores do CNF foi realizado em 1950. Segundo CARVALHO (1988), tal concurso:

(...) de âmbito nacional, exigia prova de títulos, prova de personalidade, de interesse e aptidão para o magistério secundário, e provas didáticas, com atividades que incluíam: a) confecção de um plano de curso (...); b) [elaboração de um] plano de aula e ministração de aula no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil [atual UFRJ]; direção de um estudo dirigido nesta turma (CARVALHO, 1988; p. 19)”.

Em relação a este concurso, cabe indicar que seus procedimentos de seleção (ao menos aparentavam) eram bastante rigorosos. Ao retomar um ponto do discurso de Lourenço Filho, por ocasião da inauguração do GNF, quando este eminente professor indica que a forma de escolha dos docentes poderia trazer grande mérito ao GNF, é possível concluir que a Direção da FGV (e é claro, a Direção do recém-inaugurado GNF) estaria se esforçando por atender a esta sugestão do Professor Lourenço Filho, ao menos no âmbito deste concurso. Deve ainda ser mencionado o fato de que o professor Luiz Alves de Mattos era também a esta época diretor do Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil (Cap/UB), o que indicaria o porque dos professores selecionados para trabalhar no GNF, realizarem no Cap/UB as provas práticas constantes da seleção deste

concurso, além é claro de se ter de levar em consideração o caráter experimental das metodologias didáticas utilizadas no projeto de formação docente empreendida por este Colégio de aplicação (ABREU, 1992).

Após o seu primeiro ano de funcionamento, em 1951, o GNF passa a se chamar Colégio Nova Friburgo, desta época datam as primeiras turmas do então curso primário. Igualmente nesta época foi elaborado o primeiro organograma do CNF<sup>7</sup>, que o representava tanto em relação à sua dinâmica administrativa interna quanto em relação aos demais órgãos da FGV.

Entre 1951 e 1957, o CNF é dirigido por cinco professores<sup>8</sup>. Esta estrutura administrativa permanece até o ano de 1957, quando é ensaiada uma nova organização dos setores do CNF.

Como elemento de destaque do ponto de vista da evolução da estrutura administrativa do CNF, há que ser mencionada a criação do Centro de Estudos Pedagógicos (CEP), o qual teria sido:

(...) planejado em 1956 e criado em março de 1957 (...) o CEP realizou cursos de aperfeiçoamento, participou de encontros de professores, levou professores para outras cidades nas jornadas pedagógicas (...) recebeu educadores para estágios no Colégio, e programou seminários e séries de palestras e conferências para colegas de magistério pertencentes a outras instituições (p. 155)”.

Mesmo não tendo constado dos organogramas que representavam a estrutura administrativa do CNF entre 1957 a 1966, este órgão teria desempenhado um papel de enorme destaque no que se refere ao âmbito do CNF (e da própria FGV). Nas palavras de Irene Mello Carvalho: “O Centro de Estudos Pedagógicos, através de cursos, aperfeiçoou 5.547 professores no período de 1957-1977 (CARVALHO, 1988; p. 155)”. Este órgão do CNF prestou ainda assessoria à Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro,

<sup>7</sup> Todos os organogramas foram extraídos do livro de Irene Mello Carvalho (1988) intitulado: “Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas: histórico de suas realizações” e se encontram em anexo.

<sup>8</sup> Em 1951, o CNF é dirigido por Theodomiro Rothier Duarte, de 1952 a 1953, o CNF é dirigido por Amaury Pereira Muniz, em 1954, Abelardo de Paula Gomes dirige o CNF, em 1955, Euclides Pereira de Mendonça está à frente da direção do CNF, em 1956 a Direção é ocupada por Daniel Valle Ribeiro, por sua vez, em 1957, Antônio de Souza Campos dirige o CNF. No que se refere aos critérios de escolha dos diretores, é conveniente ressaltar que até 1954, estes eram nomeados pela FGV, entre 1954 e 1958 estes eram escolhidos mediante um processo de “rodízio anual” em que os diretores eram escolhidos pelos próprios docentes do CNF, e de 1959 até 1977 ocorre o retorno à prática da nomeação dos diretores por parte da FGV.



bem como a diversas secretarias municipais de educação (como as de Nova Friburgo, e Volta Redonda) no que se refere à elaboração de concursos e demais processos seletivos de professores para estas redes de ensino. A esse respeito CARVALHO afirma que:

(...) a FGV abriu as portas do Colégio para que diretores, técnicos de educação, professores e licenciandos de outras instituições que ali fossem estagiar ou realizar cursos de aperfeiçoamento. Julgava aconselhável, ainda, que os educadores do CNF difundissem suas experiências e os resultados de seus esforços em outros centros educacionais (1988, p. 153).

Eis aí uma importante estratégia de irradiação das metodologias didáticas experimentais do CEP, pois pela via da assessoria técnica às secretarias municipais e dos cursos para professores, as inovações pedagógicas se tornariam conhecidas em outros espaços, bem como poderiam vir a se incorporar ao currículo de outras instituições e redes de ensino, contribuindo desta maneira para difundir os aspectos pedagógicos da didática experimental desenvolvida no CNF.

Após o ano de criação do CEP, o Professor Amaury Pereira Muniz (que foi o diretor que permaneceu mais tempo à frente do *Colégio*) retoma a Direção do CNF em 1958, permanecendo até 1965. Do ponto de vista de sua estrutura administrativa o CNF sofreria ainda três alterações nos anos de: 1966, ano em que José Jorge Abib dirige o CNF até 1967, e nos anos de 1968 e 1976 (período em que Amaury Pereira Muniz está mais uma vez à frente da direção do CNF, até sua extinção no ano de 1977). A estrutura administrativa do CNF a esta época (entre 1968 e 1976) encontra-se presente nos organogramas 3 e 4 (anexos, p. 27).

Após serem apresentados os aspectos alusivos à administração do CNF, serão explicitados a seguir, elementos relativos ao alunado do Colégio. A esse respeito, seria interessante mencionar que durante os seus aproximadamente vinte e oito anos de existência, o Colégio Nova Friburgo teve um total de 8756 alunos matriculados, sendo destes 2.736 bolsistas. No ano de 1970 ocorre o maior índice de matrículas, num total de 441 alunos, dos quais 131 eram bolsistas. No que se refere aos critérios de seleção do alunado, Irene Mello Carvalho afirma que:

O deptº de Ensino da Fundação Getúlio Vargas era responsável pela seleção dos alunos internos, no âmbito dos testes de nível mental e de escolaridade (provas de português e de matemática, fundamentalmente). (...) complementando a seleção intelectual com a investigação de traços da personalidade dos novos candidatos (...) Os alunos semi-internos, residentes em Nova Friburgo, eram selecionados pelo próprio Colégio em moldes similares (...) Para os candidatos a bolsas de estudo, os critérios de aprovação eram mais rigorosos, o que é perfeitamente compreensível (CARVALHO, 1988; p. 63).

Ao examinar o processo de seleção descrito por Irene Mello Carvalho, faz-se mister recordar o discurso do Dr Luiz Simões Lopes, proferido na solenidade de inauguração do CNF, no qual afirma que o recém-inaugurado ginásio da FGV deveria se destinar à formação de uma elite, elite esta que, ao que tudo indica, seria recrutada tendo em conta os parâmetros de distinção econômica (no caso dos alunos não-bolsistas, devido ao alto custo das mensalidades), de “aptidão psicológica” e desempenho intelectual (assim como visto na citação relativa ao processo de seleção do alunado do CNF).

Cabe ainda mencionar que, vários professores vinculados ao CEP<sup>9</sup> participaram da iniciativa de criação de uma *Revista*<sup>10</sup> destinada em grande parte a divulgar os trabalhos experimentais dos docentes do CNF. Tal como mencionado anteriormente, o periódico é editado de 1962 a 1976 e constitui um exemplo das estratégias de divulgação do ideário do CNF, cuja materialização se encontraria concentrada em grande parte no Centro de Estudos Pedagógicos do *Colégio*.

O Colégio Nova Friburgo funcionou até 1977, tendo as suas atividades sido encerradas neste ano. Segundo Irene Mello Carvalho:

A Fundação Getúlio Vargas foi compelida a desativar o Colégio Nova Friburgo em dezembro de 1977. Vários motivos justificaram tal decisão (...) Em primeiro lugar, deve ser citada a inviabilidade do empreendimento, do ponto de vista financeiro (...) A segunda causa deve ser atribuída às mudanças sociais das últimas décadas (...) Finalmente, há a considerar o aspecto político. As autoridades governamentais, que decidiam quanto às doações da FGV, recomendaram à Fundação que as escolas de nível médio – Escola Técnica de Comércio da FGV e Colégio Nova Friburgo – deveriam ser fechadas a favor do desenvolvimento da Pós-Graduação e da pesquisa (CARVALHO, 1988; p. 185-186).

<sup>9</sup> Destacam-se aí o Prof. Amaury Pereira Muniz, Diretor do CNF e a Profª Maria Zely de Souza Muniz, coordenadora do CEP entre 1964 e 1972.

<sup>10</sup> A Revista é objeto do próximo capítulo e devido a isto, no presente capítulo, são apresentados de forma sucinta seus objetivos e características.

As causas apontadas acima pela autora demonstram que, em grande parte, devido a motivos gerenciais, o CNF teria sido extinto pela FGV. Ora, nas décadas de 1950 e 1960, o CNF, apesar de possuir também nestes anos elevado déficit orçamentário<sup>11</sup> promoveu várias iniciativas que demandavam investimentos por parte da FGV para sua consecução (tais como a edificação do prédio da escola primária em 1951 e a criação do Centro de Estudos Pedagógicos, em 1957) devido aos proventos recebidos por parte do Fundo Nacional do Ensino Médio – Lei 2342/54 e por parte da FGV. Claro está, portanto que, uma vez tendo sido reduzidos os recursos de apoio financeiros recebidos pela FGV para a manutenção do CNF, este deixou de se constituir num empreendimento interessante do ponto de vista financeiro, passando então a Fundação Getúlio Vargas a conduzir outro projeto educacional, qual seja o da Pós-graduação em Educação, materializado em seu Instituto de Estudos Avançados em Educação – IESAE/FGV, criado em 1971 e extinto em 1990 pela FGV, juntamente com outros órgãos como o ISOP, sendo tal ato realizado também sob a alegação de motivos de caráter financeiro e gerencial (FÁVERO e FÁVERO, 2002).

### 3.2

#### O “Método de unidades didáticas” e a pedagogia do CNF: aspectos disciplinares e instrucionais

Neste item serão apresentados e discutidos os aspectos alusivos à aplicação do “Método de Unidades Didáticas<sup>12</sup>” (CARVALHO, 1969) no âmbito do CNF. Isto se mostrou fundamentalmente necessário ao travar contato como livro de Irene Mello Carvalho alusivo a tal método, no qual a ex-diretora do CNF e ex-diretora da Divisão de Ensino da FGV indica que este constituiu a base primordial para a estruturação dos programas de ensino, da estruturação curricular e das normas de convivência entre os alunos do CNF. Decorre daí a

<sup>11</sup> Segundo CARVALHO (1988), o déficit do CNF na década de 1950 oscilava na faixa dos 40,0% , na década de 1960, se situava em torno de 58%, e, na década de 1970, o déficit apurado contabilizava algo em torno de 74,9% das receitas do *Colégio*.

<sup>12</sup> Segundo CARVALHO (1988), o CNF utilizava de maneira experimental na elaboração de seus programas de ensino o “Plano Morrison”, tornado uma das bases fundamentais da composição do “Método de Unidades Didáticas” criado e desenvolvido no Colégio Nova Friburgo. Tal método será devidamente detalhado a seguir.

premissa de que, para uma análise consistente do que representou a experiência educacional desenvolvida no Colégio da FGV torna-se necessário compreender de que maneira o referido método foi aplicado às dimensões pedagógicas, administrativas e disciplinares do CNF.

### **3.2.1 Aspectos disciplinares da pedagogia do CNF**

Para que se torne possível compreender como o Método de Unidades Didáticas foi aplicado à dimensão disciplinar o CNF, devem ser analisados os aspectos teóricos alusivos a este método. Tomando em conta a assertiva de Irene Mello Carvalho destacada acima, torna-se necessário compreender que o Método de Unidades Didáticas encontra dois grandes pilares de sustentação teóricos embasados na Filosofia e na Psicologia. Segundo CARVALHO (1969), a parte filosófica do método se apoiaria nos passos da instrução formal de Herbart e se ligaria aos aspectos mais propriamente instrucionais dos objetivos do ensino. Já a parte do método apoiada no seu “ pilar psicológico ” daria conta de uma perspectiva: “gestaltista e não atomista (CARVALHO, 1969; p. 23)”. Tal perspectiva psicológica, ao que tudo indica, teria dado ensejo à criação de normas disciplinares baseadas na valorização do convívio grupal e na construção de regras de disciplina e autogoverno, essencialmente se forem lembrados os pressupostos da psicologia gestaltista, os quais propõem uma ênfase no trabalho em grupo, bem como na tentativa de solucionar em grupo os problemas internos do indivíduo (BYINGTON, 1999). De acordo com CARVALHO (1988), esta perspectiva psicológica viria a influenciar no conceito de disciplina que norteava as atividades, do CNF, o qual: baseia-se, essencialmente, em interesse real pelo educando, em compreensão dos seus pontos de vista e empatia face a suas reações afetivas, e em respeito a sua individualidade (CARVALHO, 1988; p. 143).

A psicologia gestaltista viria ainda, segundo a referida autora a servir de referência para a criação de normas disciplinares, baseadas no “convívio harmônico” entre os pares de alunos, e entre alunos, professores e funcionários e para a estruturação de regras de disciplina baseadas na resolução em grupo dos

problemas, bem como na premissa de que a unidade grupal seria um dos principais objetivos a serem atingidos pelas normas de disciplinares presentes na proposta pedagógica do CNF (CARVALHO, 1969).

A seguir é apresentada uma fotografia na qual diversos representantes da direção da FGV, alunos, professores, funcionários e pais de alunos se encontram na Concha Acústica do GNF, com vistas a se confraternizarem após a solenidade de encerramento das atividades do ano letivo de 1950.



**Figura 2 – Pais, Alunos, Funcionários e Direção da FGV na Concha Acústica do GNF em 1950**

Na fotografia que se segue abaixo, é registrada uma cerimônia de primeira comunhão da qual participou a primeira turma admitida no GNF em 1950.



**Fotografia 3 – Primeira Comunhão no GNF em 1950**

Estas fotografias foram selecionadas com o objetivo de indicar um aspecto marcante, percebido a partir da análise dos registros documentais a respeito da trajetória desta instituição escolar (ao menos no que se refere aos depoimentos, livros editados e números da *Revista Curriculum*), qual seja, a premissa de que o CNF deveria se organizar de modo a relacionar religião, família e escola (tal como veremos mais adiante no capítulo referente à análise dos depoimentos). Por ora não será aprofundada a análise deste aspecto das relações entre os diferentes atores presentes na instituição ora estudada, cabendo aqui, no entanto, comentar que, assim como aludido no livro de CARVALHO (1988), o CNF, ao que tudo indica, possuía uma intensa vida comunitária. Adiante será discutido de que maneira esta vida comunitária encontra eco também nos depoimentos e na *Revista Curriculum*, porém desde já deve ser enfatizado que este é um dos elementos mais vivos da memória do CNF.

Não obstante estes imperativos de autogoverno e convívio grupal harmonioso há que se questionar quais seriam os limites do caráter “flexível” destas normas disciplinares, pois, ainda que apareçam nos livros analisados menções ao caráter flexível das normas disciplinares do CNF, ainda assim: “Os próprios professores orientavam a conduta dos alunos desde a hora em que eles acordavam até o momento em que iam dormir (CARVALHO, 1988; p. 143)”. Dessa forma, é possível captar uma contradição entre os imperativos de autogoverno propostos na pedagogia do CNF e a “orientação da conduta” realizada em tempo integral pelos próprios professores do CNF. Continuando este aprofundamento no universo das normas disciplinares do *Colégio*, segue abaixo uma foto que pode ajudar a refletir sobre os limites da efetivação desta premissa, postulada no âmbito das normas disciplinares implementadas do CNF e referida nos livros sobre o Colégio como sendo uma realidade incontestável, construída na experiência educacional do CNF.



**Fotografia 4 - Professor Amaury Pereira Muniz e um aluno na atividade do “hasteamento da Bandeira”**

Nessa fotografia, se vê o Prof Amaury Pereira Muniz (Diretor do Colégio) orientando (ou estaria repreendendo?) um aluno durante a atividade do “hasteamento da Bandeira”. Observando de maneira acurada a postura corporal do professor Amaury Pereira Muniz (Diretor do CNF) e a expressão facial do aluno que está hasteando a bandeira é possível perceber que enquanto o Professor se posta de maneira severa em relação ao aluno (ele encontra-se de pé, com o dedo em riste e parecendo estar descontente em relação ao andamento da atividade do hasteamento da bandeira), o aluno que segura a corda presa ao mastro da bandeira, por sua vez manifesta em seu rosto uma expressão que dá a entender que estaria zombando do antigo diretor do CNF. Esta fotografia foi selecionada para constar neste capítulo como forma de indicar que, por maiores que sejam os esforços empreendidos com a finalidade de dar à história um sentido único, ainda assim, sempre há elementos que demonstram que não há a

possibilidade de se postular a existência de uma “narrativa única” no que se refere a qualquer evento histórico (BRAUDEL, 1999), a despeito dos esforços empreendidos por parte dos construtores da memória do referido acontecimento histórico em representar a “versão verdadeira dos fatos”. Assim, tal como será visto mais adiante, o CNF teria realmente desenvolvido estratégias disciplinares e pedagógicas no sentido de buscar promover a coesão grupal dos seus alunos e a integração de seus professores em torno de projetos comuns. Tais iniciativas incidiram fortemente sobre o desenvolvimento de projetos extracurriculares, cuja organização e administração estariam franqueadas aos alunos, sendo, porém estes supervisionados por professores do CNF no desenvolvimento destas atividades. Segundo CARVALHO, tais atividades se denominavam: “(...) atividades extraclasse ou extracurriculares. Em um internato, estas atividades são muito importantes para proporcionar uma gama extensa de experiências educativas e preencher construtivamente as horas de lazer. Hoje, prefere-se a denominação de atividades co-curriculares, porque podem ser efetuadas em classe ou fora dela, e quase sempre se articulam de uma ou de outra forma com o currículo escolar (CARVALHO, 1988; p. 121)”. Como exemplo destas, podem ser mencionadas: a Banda do CNF, o conjunto musical dos alunos (Banda Papoula), O Clube de Xadrez, o Clube Literário e o Clube de Teatro (CARVALHO, 1988). O que deve ser ressaltado, porém é que este processo não teria ocorrido de maneira totalmente consensual e que, como todo projeto, institucional, ou não, acaba por se constituir em campo de conflitos e tentativa de imposição de interesses particulares e que se pretendem hegemônicos (CERTEAU, 1994), o que motiva a inferir que, assim como registrado na fotografia número quatro, tais regras também poderiam ter sofrido questionamentos, e transgressões por parte de seus alunos e/ou professores. Porém à exceção desta foto, nenhum outro dos documentos analisados menciona problemas desta ordem, o que leva à hipótese de que estes teriam sido suprimidos dos registros da memória da instituição, dificultando desta maneira a tarefa de empreender a composição de uma história das transgressões disciplinares levadas a cabo pelos alunos do CNF, a qual, mesmo não sendo o objeto do presente estudo, poderia ser interessante no sentido de possibilitar “fazer falar” de outro modo (LE GOFF, 1985).



### 3.2.2 O CNF e o ensino por unidades didáticas

Conforme foi mencionado anteriormente, a pedagogia desenvolvida no CNF utilizava como “pedra fundamental” o “Método de Unidades Didáticas”, criado e desenvolvido no âmbito deste Colégio. Igualmente foi ressaltado o fato de que tal método possuía um duplo suporte, calcado na filosofia e na psicologia. Se em relação aos aspectos disciplinares da pedagogia do CNF, a sua base era a psicologia gestaltista, em relação aos elementos do ensino desenvolvidos no CNF, seu referencial teórico remonta à noção de unidades, difundida por Henri Morrison, em 1926, e cuja filiação teórica aos passos da instrução formal de Herbart se mostra bastante estreita. Antes de ser aprofundado o modo como esta teoria veio a estruturar os programas de ensino e a organização curricular do CNF, torna-se necessário trazer à baila os seus principais postulados, bem como explicitar em que aspectos tal teoria se aproxima dos passos da instrução formal de Herbart.

Com vistas a compreender o “Método de Unidades Didáticas” desenvolvido e aplicado no CNF, faz-se necessário compreender as características fundamentais da noção de unidades, cunhada por Henri Morrison em 1926, segundo o qual: “um aspecto complexo e significativo do meio, de uma ciência organizada, de uma arte ou da conduta, o qual, uma vez aprendido resulta em uma adaptação da personalidade (MORRISON, apud CARVALHO, 1969; p. 22)”.

Este “aspecto complexo e significativo” deveria ser: “suficientemente amplo para ser importante e possuir suficiente homogeneidade para constituir um todo orgânico (Morrison, apud CARVALHO, 1969), e teria ainda uma classificação pautada numa distinção primordial entre três tipos de unidades: a) unidade-matéria: um tópico, uma generalização; b) unidade-experiência: um centro de interesse, um propósito, uma necessidade do aluno; c) unidade-mista (unidade didática): uma atividade de descoberta e verificação normativa e crítica (Morrison, citado por CARVALHO, 1969; p. 24).

De acordo com CARVALHO (1988), a unidade didática seria a matriz da organização pedagógica, no que se refere aos programas de ensino e à estruturação curricular do CNF. A esse respeito, a autora indica que: “(...) No que se refere à articulação entre as unidades didáticas, realizada com o objetivo de compor uma grade curricular e/ou um plano de curso de uma disciplina, é

interessante observar o modo como a “unidade-didática” vem a se configurar como elemento regulador das relações entre ensino-aprendizagem, pois os objetivos do ensino no que se refere à sua dimensão comportamental partem desta noção, e seguem um plano composto das seguintes etapas: “exploração, apresentação, assimilação, organização, recitação (Morrison, apud CARVALHO, 1969; p. 67)”. Antes de prosseguir no exame de cada uma destas etapas, cabe identificar em que esta proposta pedagógica se aproxima da teoria dos passos da instrução formal de Herbart. Para tanto, segue abaixo um quadro comparativo entre estas duas vertentes teóricas:

<b>Passos da Instrução Formal (Herbart)</b>	<b>Plano Morrison</b>
<b>1 – Clareza</b>	<b>1 – Exploração</b>
<b>2 – Associação</b>	<b>2– Apresentação</b>
<b>3 – Sistematização</b>	<b>3– Assimilação</b>
<b>4 - Método</b>	<b>4– Organização</b>
	<b>5 – Recitação (exposição oral realizada pelo aluno)</b>

**Quadro comparativo “a”: Passos da Instrução formal de Herbart  
/ Plano Morrison**

Ao se examinar o quadro apresentado acima, constante do livro de Irene Mello Carvalho (1969) a respeito do ensino por unidades didáticas, é possível perceber que as fases do Plano Morrison foram dispostas de maneira análoga aos passos da instrução formal de Herbart<sup>13</sup>. Antes de seguir em direção à análise do modo como o Plano Morrison foi apropriado e utilizado no CNF, cabe detalhar em que consiste cada uma de suas fases. Para CARVALHO (1969), as fases do Plano Morrison correspondem às seguintes atividades didáticas: *a) Exploração*: etapa em que o professor deve reunir os elementos relativos ao tema que irá tratar, com vistas à elaboração das atividades de ensino; *b) Apresentação*: exposição sucinta do conteúdo pelo professor; *c) Assimilação*: proposição de

<sup>13</sup> Os passos da instrução formal propostos por Herbart se estruturam a partir de uma seqüência que vai da exposição oral do professor (passo da clareza) até o domínio por parte do aluno, do método de efetuação da atividade proposta, dominando assim, na fase denominada “Método”, a forma invariante de apreensão de conteúdos correlatos (SUCHODOWLSKY, 1973).

exercícios de fixação, com vistas a fazer com que o aluno assimile os pontos fundamentais de cada unidade didática; *d) Organização*: nesta etapa, o aluno deve realizar atividades alusivas ao tema sem o auxílio do professor; *e) Recitação*: na etapa final o aluno deve realizar uma exposição oral a respeito do assunto trabalhado, cabendo então a avaliação final da aprendizagem através da avaliação do desempenho do aluno nesta atividade. A partir destas etapas, concernentes ao Plano Morrison, o CNF teria desenvolvido um método de ensino próprio, o método do Ensino por Unidades Didáticas. No quadro que segue abaixo são apresentados os passos do Plano Morrison e do Plano do CNF.

<b>Etapas do Plano Morrison</b>	<b>Etapas do Plano do CNF</b>
<b>1 – Exploração</b>	<b>1 – Sondagem</b>
<b>2– Apresentação</b>	<b>2 – Apresentação Geral</b>
<b>3– Assimilação</b>	<b>3 – Estudo ou Assimilação das subunidades</b>
<b>4– Organização</b>	<b>4 – Organização</b>
<b>5– Recitação (exposição oral realizada pelo aluno)</b>	<b>5 – Verificação</b>
	<b>6– Suplementação</b>
	<b>7 -Expressão (poderia ser realizada por atividades escritas ou orais)</b>

**Quadro Comparativo “b”: Plano Morrison / Ensino por Unidades Didáticas (Plano do CNF)**

Em relação às diferenças entre o Plano Morrison e o Plano do CNF, deve ser mencionado o fato de que, a despeito da grande influência das idéias de Henri Morrison na composição do Plano CNF, ainda assim, o planejamento de ensino no *Colégio* possuía mais algumas etapas (as de suplementação e verificação), as quais propunham atividades de ensino a elas relacionadas. Assim, na etapa da “suplementação”, por exemplo, estariam previstas atividades nas quais o aluno pudesse com o auxílio do professor, repetir as etapas de “apresentação geral” e “estudo/assimilação das subunidades”, para que, a partir daí pudesse novamente se submeter à etapa de “verificação” (realizada com o acompanhamento do professor no momento da elaboração do exercício pelo (s) aluno(s)) e, por fim

(caso se houvesse verificado a aprendizagem do(s) aluno(s)), passar à etapa final, a de “expressão”, (relativa à verificação da aprendizagem por meio de exercícios escritos). O Plano do CNF seria, portanto a dimensão experimental da didática desenvolvida neste *Colégio*. Divulgado como sendo um método de excelência por Irene Mello Carvalho, ainda assim, não se pode dizer que a opinião em relação à excelência deste método seja consensual. Transcrevo a seguir, trechos do prefácio do livro em que a autora divulga o método de elaboração e a aplicação do Plano do CNF no âmbito do *Colégio*. Tal prefácio, cuja autoria consta do Professor Anísio Teixeira (à época Diretor do INEP) alude de maneira mais crítica à iniciativa da Professora Irene Mello Carvalho e às idéias de Henri Morrison que inspiraram largamente tal plano. Seguindo com a transcrição do referido prefácio, há que se registrar que neste, Anísio Teixeira diz o seguinte:

Nas condições gerais em que se acha o ensino secundário no país, um ensaio de aplicação do plano de ensino por “unidades”, sugerido, desde 1926, por Morrison, um conservador no debate educacional dos últimos cinquenta anos, representa não só uma novidade, mas uma audácia (...) Nas alturas de 1954, não deixa de ser provocante acompanhar as torturas de Morrison para apresentar seu pensamento conservador como científico. Tanto o compreendo como resultado da limitação real dos nossos conhecimentos pedagógicos, sobretudo no que diz respeito a técnicas e processos de ensino quanto me parece inadequado querer considerá-lo como algo melhor do que o velho Herbart, que levava sobre ele a vantagem de haver doutrinado em período bem anterior, quando muito menos sabíamos de psicologia, de filosofia, de antropologia, de sociologia e das ciências humanas que fundamentam a educação (...) De qualquer modo, porém, num país em que pouco se soube de Herbart e em que ensinar não passou ainda da situação de memorizar para exame fragmentos desconexos de conhecimentos, experimentar os recursos recomendados por Morrison para ensinar as matérias do curso secundário com ênfase em unidade, organização do conhecimento e integração, é novidade tão grande que me custa acreditar como Dona Irene Mello Carvalho pôde levá-la a efeito numa escola secundária rígida, uniforme e legalística como a brasileira. A realidade é que a levou a efeito, e aí está o livro que descreve os seus esforços e, de certo modo seus resultados. Seria impossível tentar algo de melhor do que Morrison. O currículo e o programa – ambos impostos oficialmente, à escola secundária brasileira oferecem imensas dificuldades mesmo para o Plano Morrison. Além disso, a educadora Dona Irene Mello Carvalho deve ter lutado contra a formação pedagógica de seus professores e a quase total ausência de literatura didática adequada (...) Se, para um Dewey, a criança, por exemplo, é um ser dinâmico “ansioso por aprender”, a verdadeira teoria de ensino é a de que a escola deve se limitar a “guiar a experiência do aluno”; se para um Morrison nós “odiamos aprender”, a verdadeira teoria é a de “prescrever e dirigir os estudos do aluno”. A realidade é que os dois aspectos da criança existem e conforme dermos relevo a um ou a outro, teremos ensino, programas, métodos e resultados diferentes. Morrison é um descrente da curiosidade do aluno como motivo adequado para orientar o seu crescimento educativo. E na sociedade em que vive, tem talvez, motivos para crer que, sem cetera dose de coerção, não formará o homem que deseja. Daí, as premissas determinantes do seu método. Podemos

discordar dessas premissas, mas adotadas que elas sejam, segue o seu método. O aspecto positivo deste método está em tornar menos precários os resultados da escola tradicional. Com professores adequados, representa um progresso inegável, sobretudo porque toda a ênfase está na organização e integração do trabalho intelectual realizado pelo aluno e pela classe. Admitido o ensino por “matéria” e o programa antecipadamente prescrito, a sua tentativa de motivação e de integração conseqüente é um passo sobre o ensino desligado, fragmentário e decorado que caracteriza a escola tradicional (TEIXEIRA, apud CARVALHO, 1988, p. 116-118)".

Ao ser considerado o prefácio de Anísio Teixeira ao livro de Irene Mello Carvalho, examinado juntamente com a tentativa de descrição do método de unidades didáticas que teria redundado no Plano do CNF, registrado no livro o “Ensino por Unidade Didáticas” (CARVALHO, 1969), é possível inferir o caráter tradicional (ou “conservador”, se for considerada a denominação que Anísio Teixeira atribui a Morrison) desta metodologia didática (segundo Anísio Teixeira, Morrison seria um conservador no debate educacional norte-americano), e que, ainda que se possa ressaltar a experiência educacional do CNF como sendo renovadora, torna-se claro que há aspectos de conservadorismo no âmbito educacional, tais como os apontados por Anísio, que não podem ser descartados ou omitidos (tal como é possível perceber com a leitura dos dois livros editados pela FGV sobre o CNF e tomados como suporte para a elaboração deste capítulo). Isto posto, mais uma vez destaco a importância de uma análise calcada num diálogo permanente entre as fontes documentais, com vistas a (ao menos) minimizar o seu caráter monumental de construção discursiva e ideológica (LE GOFF, 1985).

### **3.3 As primeiras impressões**

Após a análise e apresentação do CNF, realizada com a mediação da leitura de dois livros da FGV a respeito do *Colégio*, é possível inferir que há nestas obras uma “ideologia de excelência do CNF”, presente no tom elogioso em que são descritas as realizações empreendidas pela direção da FGV e pelos docentes do CNF. Não obstante, tais livros comportam um volume considerável de informações que muito auxiliou na tarefa de caracterização do CNF ao longo do período de sua existência, não sendo, porém suficiente para uma análise

aprofundada das idéias pedagógicas de seus atores, não permitindo, portanto, se tomados de forma isolada, levar a termo o esforço de reconstruir a história deste *Colégio* proposto no início deste trabalho. Deste modo, encerro este capítulo chamando a atenção para dois outros suportes do discurso relativo às idéias pedagógicas, políticas e administrativas que compunham o discurso de excelência do CNF, quais sejam: a) o espaço de divulgação pedagógica do CNF constituído pela *Revista Curriculum*; b) o discurso de ex-alunos e ex-professores do CNF. Nos dois capítulos subseqüentes, são analisados estes dois elementos de suporte das idéias veiculadas pelo discurso dos atores ligados ao CNF, e então, poder-se-á compreender de maneira mais alargada como estas vieram a se efetivar e de que maneira a análise articulada destas três instâncias da memória do *Colégio* pode contribuir para a reconstrução de um outro sentido, diferente do tom “apologético” presente no discurso oficial da FGV sobre o CNF.